

O trabalho como transcendental do tempo: uma tentativa de encontrar um sentido de vida no trabalho

SANDRA MARIA COLTRE

Aluna especial do Programa de Mestrado de Filosofia da Unioeste

“Andam desarticulados os tempos.”
(Shakespeare, Hamlet)

Resumo: O presente artigo, de cunho bibliográfico, objetiva realizar um movimento para explorar o entendimento sobre um aspecto metafísico do trabalho. Esse aspecto consiste na tentativa de entender se o trabalho é um transcendental do tempo em busca de um sentido de vida no trabalho. O trabalho consiste no mistério de que cria mais necessidade do que a satisfaz. O imaginário que prevalece na cultura capitalista é que apenas se pode preencher a existência humana por meio desse ato. Quem sou eu encarnado no mundo do trabalho? Em que tempo encontro o significado do ser no mundo, no mundo do trabalho? A mediação entre o eu e o mundo do trabalho como fim é o nó onde o trabalho e da vida e do espírito que se encontram no tempo. Essa compreensão nos lança a experimentar a encarnação dos avatares do trabalhador golem. A vivência desse mistério cotidiano exige engajamento, sobrevivência, fidelidade, respeito e esperança em confronto continuado com a dispensabilidade. O paradoxo é se manter no trabalho e, ao mesmo tempo, resistir e transcender a ele, enquanto o tempo de nossa vida escoia.

Palavras-chave: Tempo. Trabalho. Transcendência.

The work as transcendental of the time: an attempt of finding a meaning of the life in the work

Abstract: The present article of objective bibliographical stamp to accomplish a movement to explore the understanding on a metaphysical aspect of the work. That aspect consists of the attempt of understanding the work is a transcendental of the time in search of a life sense in the work. The work consists of the mystery that it creates more need than it satisfies her. The imaginary that it prevails in the capitalist culture is that just she can fill out the human existence for middle of that action. Who am I red in the world of the work? In what time encounter the being's meaning in the world, in the world of the work? The mediation among the me and the world of the work as end, it is the knot where the work and of the life and of the spirit that you/they are in the time. That understanding in the lance to try the incarnation of the changes of the worker golem. The existence of that daily mystery demands engagement, survival, fidelity, respect and hope in continuous confrontation with the dispensability. The paradox is if to maintain in the work and at the same time to resist and to transcend him, while the time of our life drains.

Key words: Time. Work. Transcendence.

INTRODUÇÃO

O que é trabalho? O que é conciliar tempo de vida e tempo no trabalho? Para onde o trabalho, depois de tanto, tempo nos leva? O trabalho é um transcendental do tempo? Conforme Marx (1971), o homem transforma a natureza e ao fazer isso se transforma. Se transformar, transforma em quê e em que tempo? O trabalho humaniza o ser laborioso ou como aponta Sennet (2001), corrói o seu caráter? Se a Metafísica trata de problemas sobre o propósito e a origem da existência do ser, não qualquer ser, mas o ser enquanto ser. O trabalho e tempo transcendem um aspecto Metafísico desse ser que também é, ao mesmo tempo, ser que labora. Chauí (2000) corrobora ao apontar que a Metafísica se funda em tudo que existe e tudo o que puder ser conhecido em sua essência. Neste sentido, a perspectiva que se dá ao fenômeno trabalho no mundo presente é parcial e manipulada pelo capital. Esse fascínio do trabalho no mundo capitalista desorienta nossa subjetividade ao homogeneizar o tempo e o sentido do trabalho de forma dicotômica. Essa dicotomia oscila entre estar dentro ou fora do mundo do trabalho, se estiver dentro você é alguém, se estiver fora nada és. Se a ontologia estuda os entes e seres antes de serem transformados em conceitos e ciências depois que se tornaram estranhos para nós, o fenômeno trabalho também não perpassa por este viés ontológico? O trabalho não seria um fenômeno ôntico-ontológico no sentido de que não está compreendido em muitas de suas facetas, ou em suas sombras?

A interatividade do século XXI, afirma Antunes (2007 p.131), “aumenta o estranhamento do trabalho, amplia as formas modernas de reificação, distanciamento ainda mais a subjetividade do exercício de uma cotidianidade autêntica.” O trabalho imbrica no mundo, como modo de sustentabilidade física e emocional do indivíduo enquanto o seu tempo finito se escoia. Sem o trabalho parece que se fica à deriva e desamparado para realizar o se lançar continuamente para frente, por isso Reck (2005 p.1) diz que “a promessa do paraíso que ele oferece frequentemente cai na ameaça de ser retirada por aqueles cujo direito a ele fora perdido, por qualquer motivo”.

O trabalho é atividade cujo fim é utilizar as coisas do ambiente e modificar para atender as necessidades humanas. Seu conceito implica na noção de dependência do indivíduo em relação à natureza, tanto em relação a sua existência física, emocional e espiritual tanto como aos dos seus interesses. O ato do trabalho consiste em ações complexas para o uso dos elementos da natureza, envolvendo vários tipos de esforços que acarretam um custo humano para a sua efetivação. Por isso, que na filosofia antiga e medieval o trabalho manual era maldição divina devido ao pecado original como no Gênesis II,19. São Paulo diz “quem não quer trabalhar não coma”. O mesmo preceito religioso do trabalho foi aderido por Santo Agostinho e São Tomas de Aquino. Utopia (1516) de Tomas More e A Cidade do Sol

(1602) de Campanella, prescrevem uma cidade ideal onde todos possuem a obrigação de trabalhar. Mas no século XXI ser privado do trabalho é assustador é quase um horror metafísico. Além desse desamparo o tipo de trabalho, não apenas qualifica seu executor a laborar, como também lhe atribui um valor humano dependendo se o trabalho é manual ou intelectual. O trabalho manual sempre foi o ir-refletido do trabalho intelectual, o primeiro sempre foi considerado inferior ao segundo em sua construção histórica. Para Merleau-Ponty (1971) o ser está encarnado no mundo, neste sentido o trabalho está encarnado no ser que labora. O estar-no-mundo emprestado de Heidegger pelo autor, implica que a nossa existência laboral não está resolvida, mas questionada de maneira equivocada. Daí o estranhamento, o sentimento de separação e união, desânimo e ânimo, descompromisso e compromisso o mal-estar dicotômico, que não se compreende, pelo esforço impossível de atender os opostos dicotomicamente. O indivíduo laborioso não aprende que sua existência no mundo do trabalho, é uma imbricação consigo mesmo na busca se lançar continuamente em busca da compreensão de si, enquanto labora para sobreviver, e se possível, viver sem hierarquias de humanos mais dignos que outros pelo tipo de labor que exercita.

Neste sentido, o artigo busca realizar uma tentativa, uma provocação para ampliar o entendimento dessas imbricações. Tentativa que deixará espaços originários para que o próprio esforço de entendimento se lance continuamente à frente por meio de outros olhares, em um contínuo refazer. Ele se estrutura: Trabalho. Tempo. O trabalho como transcendental do tempo e seus avatares.

TRABALHO

O trabalho manual foi considerado por muito tempo como uma maldição divina devido ao pecado original. A contraposição entre o trabalho manual e o intelectual existe ainda nos dias atuais, da mesma forma que há o enfrentamento dos opostos entre as artes mecânicas e liberais, entre a vida ativa versus a vida contemplativa (ócio). A busca pelo entendimento da dignidade do trabalho manual recebeu atenção de muitos pensadores. Abbagnano (2000) aponta que para Giordano Bruno a providência dispôs que o homem deve se ocupar tanto da ação das mãos como da contemplação do seu intelecto, sem que não contemple sem ação ou obre sem contemplação. No século XV Galileu Galilei reconhece a dignidade do trabalho manual ao valorizar explicitamente as observações que os artesões mecânicos fizeram em relação a pesquisa científica. O experimentalismo de Bacon se fundava nas artes mecânicas que agem sobre a natureza, considerando como indispensável tanto as operações manuais como as do saber, de modo que fossem realizadas ao mesmo tempo, com vistas ao atendimento dos interesses humanos. Estas ideias tomaram força no Iluminismo, com Locke, que reconhecia que, na investigação experimental, o intelecto serve para ampliar o fenômeno

da experimentação. Diderot, em *Art*, criticava a distinção entre as artes liberais e mecânicas. Kant, apesar de fazer distinção entre trabalho e arte, não considerava possível separar de forma nítida esses dois atos. Era necessário um obrigatório mecanismo sem o qual o espírito se não possuísse o corpo se evaporaria. Diz Merleau-Ponty (1971 p. 365) que existe “depois do mundo natural, o mundo social, não como objeto ou soma dos objetos, mas como um campo permanente ou dimensão de existência” que possa ser redescoberto e a cada descoberta nos lançar para frente. Foi somente no período Romancista que a relação entre trabalho e a natureza do homem começou a ser considerada. Comenta Abbagnano (2000) que Fichte apontava que mesmo a ocupação mais insignificante é santificada se estivesse ligada para a conservação e à livre atividade dos seres morais. Todavia, foi Hegel quem formulou a primeira teoria filosófica do trabalho, utilizando os trabalhos de Adam Smith na economia política. Hegel considerava que o trabalho fazia a mediação entre o homem e seu mundo. Diferente dos animais, o homem não consome diretamente tudo, mas os transforma de maneiras diferentes o produto natural, dando a eles os mais diversos fins, além de lhe conferir um valor em relação ao fim a que se destinam.

A satisfação das necessidades humanas no trabalho faz com que o homem se eduque. Reck (2005), todavia, amplia esta argumentação ao indicar que o aspecto cruel do trabalho, é que ele cria mais necessidades do que as satisfaz, pois ele ao mesmo tempo ele educa e pune, ameaça e garante a nossa sobrevivência no tempo. Marx (1971) aceita os princípios de Hegel, mas insiste no caráter material na relação do trabalho que envolve o homem no mundo contra o caráter espiritual de Hegel. Para Marx o homem é diferente do animal porque produz sua subsistência e vai, além disso, já que ao realizar o trabalho no mundo realiza uma extrinsecação. Na economia política a extrinsecação é o desvelar da estrutura social, suas formas e como se manifesta, nos diversos estilos de economia nacional e mundial. Em política, são explicitações das especificidades histórico-culturais de cada sociedade. Ou seja, no ato de trabalho o indivíduo expressa seu modo de ser no mundo e de fazer-se homem e fazer-se-no-mundo simultaneamente.

Como diz Merleau-Ponty (1992, p. 129), “é uma espécie de nó na trama do simultâneo e do sucessivo”. “O mundo do trabalho é onde o visível e o invisível se imbricam à nossa volta, é um entrelaçamento entre pertencer a ele e a dispensabilidade, encontrar um sentido de vida nele e o sentido de vida ser vivido por ele”. O tempo que nos encarna no laborar, não realiza a trama entre passado, presente e futuro como registro final de conclusões sobre o que o exercício do trabalho agregou ou não a nossa existência. Esse tempo no labor e uma consciência contemporânea de todos os tempos simultaneamente, pois o “tempo é uma dimensão do nosso ser” (MERLEAU-PONTY, 1971, p.419). Aponta Abbagnano (2000) que Nietzsche considerava o trabalho como uma traição à alegria e a espiritualidade contemplativa, natural de qualquer homem. O trabalho mantém todos

subjugados e impede o desenvolvimento da razão e do anseio para a independência. Para Nietzsche, o trabalho devia ser entretenimento, mas alerta Thiry-Cherques (2004, p. 104) que, no desfrute e a diversão no trabalho, há o jogo do capital: o tempo livre de desfrute ocorrerá se somente se for gasto no sistema. Dar o tempo pelo trabalho torna-se perder o tempo do capital.

TEMPO

O tempo, segundo Abbagnano (2000), pode ser entendido como movimento do ciclo do mundo e da vida do homem. Como movimento intuído, o tempo se vincula a consciência do tempo. Como estrutura de possibilidades deriva da filosofia existencialista. O tempo como movimento é concebido pelos pitagóricos que em Aristóteles relacionaram o tempo com o movimento ordenado do céu, que permite medi-lo. O tempo é o movimento da eternidade para Platão, onde os períodos planetários, as estações são movimentos imutáveis do ser eterno. É o movimento segundo o antes e o depois. Para os estoicos o tempo é o intervalo do movimento cósmico. Na Idade Média consideram que o tempo era como Aristóteles concebera. Para Hobbes, continua o autor, o tempo era um fantasma do movimento, a sucessão e para Descartes o tempo era um número em movimento. A concepção de tempo como movimento imutável fundamentou a mecânica de newtoniana que distinguia o tempo absoluto (matemático, verdadeiro) do tempo relativo (sensível). Leibniz acreditava que o tempo era o movimento uniforme que é a medida do movimento não uniforme, uma sucessão. Já Kant se referia ao apontar que o tempo tem uma idealidade transcendental ao lado de sua realidade empírica, a sucessão é ordem causal.

Esta redução, apesar de não ser consistente, é considerada uma proposição filosófica importante, pois até Einstein a utilizou em sua Teoria da Relatividade onde o tempo era por ele considerado como a ordem das cadeias causais. Quanto à subjetividade do tempo, foi Aristóteles que iniciou as discussões ao concluir o tempo como uma medida que não existe sem alma, já que somente a alma pode medir o tempo, e ao mesmo tempo o movimento que a medida se refere do antes e depois não depende da alma. Plotino corroborava que o tempo não existe fora da alma. E Ockham apontava que o tempo só existe porque a alma o mede e o enumera. Quanto à concepção do tempo como intuição do movimento ou um devir intuído de Hegel, que estabelece que o tempo seja autoconsciência pura, como um aspecto parcial ou abstrato da consciência. Para Santo Agostinho o tempo é a própria vida da alma que se estende para o passado e para o futuro, onde acreditava que a alma possui simultaneamente o passado-presente-futuro. O que, para Merleau-Ponty (1971, p.563), “a temporalidade se temporaliza com o porvir-que-vai-para-o-passado-vindo-para-o-presente”. O que Santo Agostinho chamava de os três presentes.

Neste sentido, a redução da jornada de trabalho tem sido uma das reivindicações mais importantes do mundo do trabalho, aponta Antunes (2007), como símbolo da vida emancipada. O uso do tempo nas organizações imbrica um conflito entre o uso do tempo quali-quantitativo como forma de opressão a liberdade no tempo de vida. Essa redução não é um presente do mundo do trabalho ele é virtual, você leva ele para casa. Aponta Sennet (2001), quem têm capacidade de não ter apego temporal e se mover no mundo do trabalho fluindo com ele, pode desenvolver um tipo de caráter flexível, de tolerância com a fragmentação dos tempos atuais e com isso, segundo suas pesquisas, desfrutar e encontrar um sentido de vida no trabalho que a maior parte dos outros indivíduos. A concepção do tempo como estrutura de possibilidade é encontrado em Heidegger (1974), que entende o tempo como possibilidade de *por-vir*, não como agora, e sim como o advento em que o ser-*ai* vem a si em seu poder-ser mais próprio. O passado é condicionado pelo porvir, pois como são possibilidades que foram também já foram às possibilidades às quais o ser pode retornar e se apropriar. Divide o tempo em autêntico (finito) e inautêntico (público). O tempo autêntico é onde o ser-*ai* projeta suas possibilidades, suas escolhas do já escolhido e ou a impossibilidade de escolher.

O tempo inautêntico é a existência banal, o fluir como sucessão infinita de instantes. Os dois tipos de tempos se imbricam no sobrevir de possibilidades projetadas pelo ser-*ai* no futuro do que foi no passado. A análise de Heidegger sobre o tempo contém um compromisso metafísico do tempo. Há elementos de interesse filosófico. O primeiro elemento é a mudança do horizonte modal de necessidade para possibilidade, onde tempo não está vinculado a uma estrutura necessária da ordem causal, mas na estrutura de possibilidade de várias ordens. O segundo é o primado do futuro como futuro, não como presente do futuro e o passado como passado, não como opostos, mas imbricados no presente. O terceiro elemento se refere à relação entre passado e futuro rigidamente em um círculo. E, o quarto elemento se refere aos termos projeção, antecipação e expectativa que passaram a fazer parte do uso filosófico.

Para Merleau-Ponty (1971, p. 551), não há antes ou depois, “somos o tempo”. O fluir contínuo ocorre dentro do ser encarnado no mundo. O tempo não é sucessão de instantes ou linha de momentos sucessivos ou ainda distância entre um agora antes e depois. O passado não é o que veio antes do meu presente e o futuro não é que vem depois desse presente. Tudo que fazemos é a partir do presente. “Não é o passado que empurra o presente nem o presente que empurra o futuro para o ser; o porvir não é preparado atrás do observador, ele se premedita em frente dele”. O tempo nasce da relação de cada um com as coisas e o passado e o futuro existe no presente imbricado no ser. Neste sentido, o tempo de trabalho, a jornada diária, implica em um autocontrole do tempo do indivíduo como também do tempo de sua vida. O passado e o futuro se imbricam no presente no exercício do trabalho. Nossa mente, corpo, espírito e

ser devem estar à disposição da organização. E, não apenas dentro da jornada de trabalho estipulada pelo contrato de trabalho, mas para além desta jornada, com o nome de compromisso organizacional.

O TRABALHO COMO TRANSCENDENTAL DO TEMPO E SEUS AVATARES

Thiry-Cherques (2004, p. 22) fala do trabalhador golem e seus avatares (o alienado, o robô, o utensílio, a ferramenta, o aristocrata, o iludido e o solitário). “O trabalhador golem não é alguém de ficou a margem da sobrevivência ou tampouco um rebelde domado. É alguém a quem nunca ocorreu se rebelar”. Ele e seus avatares estão imbricados de tal forma no sistema que até o seu espírito e alma foram integrados. Ele ambiciona pertencer e para isso se submete à produção desenvolvendo um comportamento de aceitação e conformismo, que acredita e mitifica o mundo do trabalho como o único mundo que existe. O processo de alienação do avatar alienado foi denunciado pela primeira vez por Arendt (1989), que apontava que seu efeito era muito mais profundo daquele descrito pelo marxismo. O trabalho destinado ao uso (*labor*) foi substituído pelo capitalismo com o destino de consumo (*opus*), o que criou uma sociedade de alienados aos processos produtivos, ao consumo para além de suas reais necessidades, onde o fenômeno da qualidade total implica em menor durabilidade para manter a máquina do consumo. O alienado se priva da consciência de si, da decisão autônoma e se reifica como escravo do sistema.

O robô é útil ao sistema. Ele é instrumentalizado, teme a mudança, consente acriticamente, são imediatistas, racionalizam o mundo desencantando. Eles não enxergam as grades da jaula da cultura de mercado, ele simplesmente se integra seguido os manuais de sucesso. O utensílio é o trabalhador que acredita ser a vítima das circunstâncias. O avatar ferramenta vem da concepção Descartiana da máquina animada, onde Deus pôs as peças necessárias ao seu funcionamento. São os trabalhadores padronizados aos padrões da produção, enquanto for viável fica no sistema, será informacionalmente atualizado sendo o vendedor, líder, o burocrata, o profissional universal. Conhecem o controle remoto universal? O avatar aristocrata é o habilitável, com base intelectual e comportamental para o continuado treinamento. Como diz Thiry-Cherques (2004, p. 35), “o trabalhador reprogramável”. O Iludido, por sua vez, oscila entre em ser eficaz ou alienado, entre ser reconhecido ou ter poder sempre hesitando entre a ilusão de ser incluído ou excluído no sistema. O solitário é gerado pelo processo de insulamento na produção onde não se pode conversar. A expressabilidade é proibida em nome da produtividade. No trabalho intelectual, os gestores ficam em suas salas, onde o acesso é restrito e difícil. É a higienização das relações, pois o contato direto é vedado por um: mande um email.

Reck (2005, p. 6) diz que esse “capitalismo infeliz” reduz o tempo de quem labora ao tempo da produção com valores de produção em série nos levando a uma existência inautêntica. Heidegger (1974) estabeleceu a relação do homem com o mundo rompendo o esquema sujeito/objeto o *Dasein*. A imbricação do *Dasein* (ser-no-mundo) se faz pela interseção das estruturas instituídas no mundo em que vivemos. A subjetividade e a intersubjetividade é racionalizada para o mundo do trabalho e limitada no nível psicológico impedindo o entendimento para além da ética relativizada dos mercados. No nível sociológico, pelas categorias de verdade impostas pelo grupo e no cultural, os valores do meio reforçam e restringem as escolhas pela capacidade limita de elaboração da informação, argumenta Simon (1979).

No mundo do trabalho os indivíduos reproduzem (não criam) sua existência por mediações de intercâmbio com as estruturas instituídas, realizadas por uma ontologia singular humana vinculada as crenças sobre o trabalho, onde estas reproduções são reforçadas pela sociedade que as desenvolvem cegamente. Essas mediações envolvem o intercâmbio comunitário ou exploratório com a natureza para a satisfação para além das necessidades humanas, onde as organizações predominam pelo imaginário do consumo. Há um sistema de trocas compatível com as necessidades historicamente postas, uma organização, coordenação e controle da complexidade produtiva em constante entrelaçamento com os limites socioeconômicos existentes.

Para Antunes (2007), os elementos como alienação entre trabalhador (e seus avatares) e os meios de produção, a imposição de atos objetivados pelas organizações e a personificação do trabalho e capital são dados como o único motivo de se lançar a frente. Reforça Reck (2005) que a conjuntura atual conecta nossa subsistência ao dinheiro com o tempo alugado de forma rudimentar onde o medo e a fatalidade de ser excluído do mercado de trabalho, rondam noite e dia. Mas há outras possibilidades? Sobreviver ao trabalho no século XXI, aponta Thiry-Cherques (2004, p.14), tornou-se um ato tão especializado que absorve tanto nosso tempo, que inviabiliza muitas possibilidades de uma vida onde em nossos objetivos diários não seja para a organização. “O problema de quem trabalha é como manter a humanidade num mundo hostil e refratário ao que há de exclusivo no ser humano: a razão e consciência que dá sentido e alegria ao viver”. O tempo é totalmente utilizado para sobreviver ao trabalho e não para viver a vida por meio do trabalho. Liberdade para desfrutar, quando?

Como argumenta Sennet (2001), sempre estamos adiando o nosso desejo de satisfação e realização, em busca de um dia, em um futuro ignorado, poderemos encontrar o sentido de vida e vida no trabalho. No presente, estamos a combater a preguiça e o caos interior, distribuindo rigidamente nosso tempo no trabalho. Esse adiamento interminável do desfrute do presente nos desencarna do mundo, e nos prende apenas ao mundo imaginário do trabalho como se fosse à única possibilidade de vida. Essa superficialidade

degradante gera uma percepção de que o tempo está desorganizado e a crença que a organização do tempo somente acontece no mundo do trabalho, nas organizações e que disso pode haver uma transcendência do ser no sentido de sua existência. Mas nas organizações do século XXI não há lugar para as relações humanas constantes e objetivos duráveis, não há tempo para o indivíduo. Então, para muitos a saída de suportar é acreditar que se tornará imortal para si e para a organização.

Aponta Thiry-Cherques (2004, p. 162) que o fenômeno trabalho se transforma drasticamente ampliando a angústia da sobrevivência. A relação que une o indivíduo a organização, devido ao fenômeno da tecnologia, lentamente vai deixando de existir, por isso o autor cita Adorno: “que importa o trabalho, desde que propicie um emprego? Que importa o que se faz desde que se consiga subsistir?”. É a fissão do ser de que fala Merleau-Ponty (1992). O mundo do trabalho como foi instituído historicamente é um visível que só há acesso por meio de uma experiência que se acredita ser única. A cada dia acreditamos que trabalhar, dinheiro, consumo e *status* são as únicas razões de nossa existência. Esse mundo visível/invisível é um mistério, pois sua visibilidade é esparsa com a promessa de um futuro de desfrute pelo tempo dedicado ao trabalho, que nunca chega e quando chega não conseguimos nos manter para desfrutar.

Segundo Merleau-Ponty (1992, p.133), o mundo do trabalho instituído gera o “abismo que separa o Em Si do Para Si”. Essa separação se fortalece pela compreensão do tempo como uma sequência de agora de forma causal. Se mudarmos nossa consciência do tempo, para a consciência de uma temporalidade que constitui o tempo, poderíamos viver o tempo no trabalho vivendo a promessa de desfrute no presente e garantir subsistência do futuro e nos transcender enquanto ser? Vaz (*apud* SILVA, 2009, p.210, nota 110) diz:

O senhor é a consciência que é para-si ou é livre pela mediação de uma outra consciência que prende ao Senhor. O Escravo, no outro termo da relação é, assim, a consciência-de-si que permanece encadeada ao ser da coisa, mas não mais na relação do desejo que tende à satisfação imediata, mas naquele tipo de relação humanizante da coisa por meio da qual ela é oferecida à livre satisfação do Senhor: na relação do trabalho. Por isso, a verdade da consciência autônoma é a consciência do escravo.

Esse abismo nos leva a angústia que Heidegger (1974), nos quatro elementos arrolados anteriormente, insere. O mundo é o entrelaçamento desses quatro elementos e por sua finitude, o homem se angustia ao se identificar com o estranhamento do mundo, já que não sabe qual o objeto lhe provoca esse sentimento. Ele fica em suspenso, a espera de transcender. Pela subjetividade? Diz Merleau-Ponty (1971, p.454): “se é pela subjetividade que o nada aparece no mundo, pode-se dizer também que é pelo mundo que o nada vem ao ser”. Mas o mundo do trabalho essa subjeti-

vidade está nos círculos de controle de qualidade, imbricada na relação daquele que produz e para quem se produz. Antunes (2007, p.131) diz: “o tempo livre é instigado a ser gasto no consumo dos *shoppings*”. Ou seja, ainda no século XXI o trabalho manual e o intelectual travam uma luta, mais sutil, pelos subterrâneos das múltiplas fetichizações e reificações que encarnam no mundo do trabalho. Que escolha fazer?

CONCLUSÕES

Para Merleau-Ponty (1971, p.441), a escolha implica em engajamento e toda escolha é contraditória. A escolha é um ato de liberdade, por isso que “a escolha verdadeira é a escolha de nosso caráter inteiro e de nossa maneira de ser no mundo”. Somos seres de escolhas. E, agora, o homem laborioso continua escolhendo entre o sentido de ser ou não ser pelo trabalho manual, intelectual, virtual, coletivo, individual, autônomo, até onde sua tolerância se flexibiliza. Talvez a transcendência do trabalho pela temporalidade nunca seja alcançada com um fim, mas há a possibilidade de ser alcançada todo o dia, em perspectiva, dentro de cada um, se houver em nós essa consciência de busca. E, é essa compreensão da vida que pode tornar possível criar novo espaço social dentro da estrutura do projeto existencial que nos traga serenidade e compreensão do destino de nossa finitude e talvez, transcender em tentativas, e desfrutar a vida com o fruto do nosso trabalho, seja ele qual for. Por outro lado Thiry-Cherques (2004, p.163) acredita que seja como for “sobreviver ao trabalho continuará a ser pelo menos tão difícil quanto sobreviver à falta de trabalho”. Porque neste século, não é a sociedade que necessita do trabalho para se manter, mas as pessoas que precisam do trabalho para subsistir e se possível existir. Há uma saída?

Talvez várias, mas dependem de como cada um de nós nos imbricamos continuamente no mundo. Então fica a reflexão: se não gosto da minha vida, porque continuo pensando, agindo, fazendo e sentindo sempre da mesma forma? Como diz Merleau-Ponty (1971, p. 446), “Não é a economia ou a sociedade consideradas como sistema de forças impessoais que me qualificam [...] é a sociedade e a economia tais como eu as trago em mim, tais como eu a vivo”.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Trad. A.Bosi, I. Benedetti, 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 8.ed. São Paulo: Boitempo, 2007.
- ARENDT, H.. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense, 1989.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite a filosofia**. São Paulo: Ática, 2005.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Reginaldo de Piero. 1. ed. São Paulo: Freias Bastos, 1971.

_____. **O visível e o invisível**. Trad. J.A. Giannotti e A. M. Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 1992.

MARX, Karl. **O capital**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1971.

HEIDEGGER, M. **El ser y el tiempo**. Trad. J. Gaos. 5.ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1974.

RECK, Ulrich Hans. Trabalho, tempo e desperdício: perspectivas da crítica à economia política da nova mídia. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação e da Cultura e de Teoria da Mídia – GHREBH**. n.7. São Paulo: out. 2005.

SENNET, Richard. **A corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. São Paulo: Record, 2001.

SIMON, H. A. **Comportamento administrativo**: estudo dos processos decisórios nas organizações administrativas. 3. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1979.

Artigo recebido em 21/06/2010.

Aceito para publicação em 12/08/2010.